

A TEORIA PROJETIVA DA CONSCIÊNCIA E O PENSAR EM BION: ALGUMAS RELAÇÕES E EXPANSÕES

Edson Detregiachí¹

Resumo

A obra de Bion marca a psicanálise com uma virada epistemológica, a partir de sua investigação sobre o pensar embasada no conjunto de processos observados no funcionamento da mente humana, e analisando este mesmo processo como base de formulação da teorização psicanalítica. Nessa investigação, observa que os fenômenos de projeção, como a Identificação Projetiva, não são apenas base do pensar, mas também forma primitiva deste e da comunicação. A teoria projetiva da consciência, em seu conceito de domínio estendido, explora os fenômenos conscientes em relação aos diferentes pontos de vista da realidade, experienciados subjetivamente, e à percepção mental dos objetos em seu espaço concreto. Partindo do convite desta a relações e reflexões com outras áreas do conhecimento sobre a consciência, o presente trabalho propõe aproximar ambas as teorias e explorar suas bases.

Palavras Chaves: Projeção, Consciência, Pensar, Identificação Projetiva, Psicanálise.

1. Introdução

Wilfred R. Bion foi médico psicanalista, pertencente à Sociedade Britânica de Psicanálise, cujo trabalho exerce grande influência na psicanálise contemporânea. Apesar de ter uma ampla produção de conceitos, seu trabalho seguiu uma linha central sobre a investigação do processo de pensar, e representou uma virada epistemológica na teorização psicanalítica (ZIMMERMAN, 2004).

Em sua obra, tem influência fundamental a herança das obras de Freud e de Klein, nos aspectos de funções mentais, princípios do prazer e da realidade, representação objetal, introjeção e projeção, flutuações posicionais e Identificação Projetiva. Bion constrói uma teoria sobre o pensar que toma esta atividade não como função inata do humano, mas como algo que é aprendido nas relações intersubjetivas, e que depende de constantes dinâmicas de introjeção e projeção das representações mentais em relação à realidade externa ao sujeito (SANDLER, 2005, 2006).

¹ Médico psiquiatra na Faculdade de Medicina de Marília, mestrando em filosofia pela Universidade Estadual Paulista, Marília, SP - Brasil.

Pereira Jr (2018) apresenta uma teoria que propõe um domínio estendido da consciência. Neste, a relação constante com a realidade externa ao sujeito, bem como a dinâmica de projeção de representações mentais para esse mesmo espaço externo são fundamentais ao processo da consciência. Em seu trabalho, o autor convida a discussões com outras áreas do conhecimento sobre a teoria projetiva, dentre as quais se destaca a psicanálise. Considerando a teorização sobre o pensar em Bion, que toma a Identificação Projetiva como seu processo mais fundamental, propõe-se, no presente, um diálogo entre ambas as teorias e suas bases, que possa permitir enriquecimento e expansão destas.

2. O Pensar em Bion

A primeira publicação de Bion específica sobre o processo do pensar foi ‘Uma Teoria sobre o Pensar’, de 1962, que iniciou um dos temas centrais de sua obra, e a que deu continuidade em obras posteriores. Logo em seguida, em ‘Aprendendo com a Experiência’, o autor aprofunda esta teoria, desenvolvendo bases epistemológicas em consonância com o próprio objeto de estudo, o aparelho de pensar (ZIMMERMAN, 2004). Bion (1962a) aponta ocupar-se em apresentar um sistema teórico algo diferente do que seria enquanto teoria filosófica pura, vez que objetiva dar-se como substrato ao uso prático da psicanálise, não deixando, contudo, de articular-se com tal disciplina, tal qual a relação entre matemática aplicada e pura.

Bion (1962a) observa o pensar como resultante de dois processos mentais: o desenvolvimento de pensamentos, que dependem de um aparato para lidar com eles, e o próprio desenvolvimento de tal aparato de pensar, que precisa ser chamado à existência para lidar com pensamentos. Nesse sentido, não toma o pensamento como mero resultado do processo de pensar, mas como algo cuja pressão força a psique a desenvolver-se como aparato para pensá-los.

O autor aponta que o produto do pensar pode ser classificado em diferentes graus de abstração, de acordo com sua natureza, dentre os quais cita pré-concepções, concepções e conceitos. Considera conceitos como concepções nomeadas e fixas, e concepções como encontros entre uma pré-concepção e a tomada de consciência de uma realização que se aproxime à primeira. A categoria de pré-concepção corresponderia a expectativas de objetos cuja existência ainda não se conhece, como a disposição congênita de um neonato a encontrar e relacionar-se com uma mama ou outra fonte de nutrição, análoga, para o autor, ao conceito

de pensamentos vazios, ou conhecimento *a priori*, em Kant. Outras pré-concepções podem não ser congênitas, mas esperadas de se encontrarem na realidade a partir de sistemas dedutivos científicos.

Enquanto que concepções estão constantemente conjugadas a uma experiência emocional de satisfação, por corresponderem ao encontro de uma realização positiva a uma pré-concepção, o autor opta por limitar o termo pensamento ao que ocorre no encontro desta com uma realização negativa, ou frustração. Os processos subsequentes dependem da capacidade de o sujeito lidar com a frustração, particularmente se sua decisão tende a evadir-se da mesma, ou a agir sobre a realidade para modificá-la.

Caso a capacidade de tolerar frustrações seja suficiente, a representação da realização negativa (ou expectativa ausente) pode tornar-se um pensamento e promover desenvolvimento do aparato para pensar. Bion (1962a) salienta que este processo enseja o estado mental descrito por Freud em ‘Formulações sobre Dois Princípios do Funcionamento Psíquico’, no qual a dominância do princípio da realidade faz-se síncrono com o desenvolvimento da capacidade de pensar, pontificando o hiato de frustração entre o momento em que uma necessidade é percebida e em que a ação para satisfazê-la torna-se possível.

A capacidade de tolerar uma frustração habilita a psique a desenvolver o pensamento como meio pelo qual tal frustração torna-se mais tolerável. Quando inadequada, por outro lado, a realização negativa confronta a psique com a necessidade de tomar uma decisão entre evadir-se ou modificá-la.

3. Aprendendo com a Experiência

Bion (1962b) inicia esta obra descrevendo um conjunto fenomênico a que chama funções de personalidade, como entidades algo estáveis, compostas pelo precipitado de seus fatores em um padrão de movimento. As funções podem ser observadas na relação entre dois sujeitos, ou de um indivíduo consigo mesmo. A forma predominante como uma pessoa lida com a satisfação de desejos, ou conquistas, por exemplo, tendendo a enxergá-los com desdém e autocrítica exagerada, caracteriza-se como uma função dessa personalidade.

Apesar de não serem diretamente observáveis, os fatores podem ser dedutíveis das mudanças das funções e do equacionamento entre as mesmas. Fatores podem ser teorias, ou realidades a elas correspondentes. No exemplo acima, sendo o sujeito um paciente que tem dificuldade em tolerar tanto conquistas próprias quanto aquelas oferecidas por outrem, pode-se

investigar a inveja - no conceito de Klein (1957) - como um possível fator das funções observadas.

Bion passa a comentar sobre uma obra de Freud, 'Formulações sobre dois Princípios do Funcionamento Psíquico', sendo esta uma das principais bases de seu trabalho (SANDLER, 2005, 2006). Neste trabalho, Freud (1911) investiga como norteadores da ação humana os princípios do prazer e da realidade, o primeiro mais primitivo e o segundo sendo uma diferenciação daquele. Parte das observações psicopatológicas das neuroses, dialogando com estudos de Pierre Janet. Nessas condições, mesmo que não esteja psicótico, o sujeito sofre uma distorção na percepção de realidade, em particular de seus aspectos que se lhe apresentem como emocionalmente insuportáveis. Tais conteúdos são apreendidos pelo sujeito, porém, por meio da repressão desencadeada pela insuportabilidade, mantém-se inconscientes.

Para Freud (1911), os processos inconscientes e mais primitivos são regidos predominantemente pelo princípio do prazer, qual seja, de aproximar-se de fontes de prazer e evadir do desprazer ou da dor. Assim como no sonho, a vida em vigília apresenta fenômenos tais, como em imaginações e pensamentos oníricos. A ausência da satisfação, todavia, leva ao instanciamento de um outro princípio, em direção a apreensão das reais circunstâncias da realidade, ainda que desagradáveis, e do empenho em transformá-la.

Havendo uma ontogênese, em que um princípio se diferencia a partir de outro, o autor passa a investigar as transformações de instâncias psíquicas envolvidas. O princípio da realidade direciona maior relevância aos órgãos dos sentidos e à consciência a eles vinculada, que então passa a compreender as qualidades sensoriais, somadas às de prazer e dor. Uma outra função ganha relevância, a atenção, que vasculha o mundo perceptível em busca de dados para antever soluções a possíveis necessidades apresentadas. Concomitante a ela, um sistema de registro passa a se fazer necessário, que pode ser encontrado na função de notação ou memória.

Um segundo tipo de julgamento passa a se sobrepor ao mecanismo de repressão, o de verdadeiro ou falso. Sob o domínio do princípio do prazer, Freud (1911) via a motricidade como uma 'descarga motora', evadindo-se do desprazer; sobrepondo-se o da realidade, ela adquire status de 'ação', propriamente dita, por buscar uma transformação da realidade. Para tal, outra função se fez necessária, a do pensar, que surge como diferenciação do imaginar, expandindo a capacidade do aparelho psíquico em suportar tensões elevadas de estímulos enquanto é suprimida a descarga motora. Partindo da imaginação, o pensar se volta para as relações entre

as impressões de objetos, e, por sua ligação a resíduos verbais, pode adquirir qualidades perceptíveis à consciência.

Bion (1962b) retoma considerações sobre o princípio da realidade, em específico sobre o direcionamento dos órgãos sensitivos ao mundo exterior e sobre a consciência a eles anexada, que então aprende a agregar a compreensão de tais percepções às das qualidades de prazer e dor. Em se tratando da ‘compreensão’ enquanto uma função, Bion alega não fazer distinção entre as qualidades sensoriais e as afetivas, embora a mantenha entre os princípios do prazer e da realidade, em relação à escolha tomada pela evasão da realidade frustrante ou por sua modificação.

Inicia a investigação do que opta chamar de função-alfa. Explica o nome escolhido pela insaturação de significados prévios que se possam aderir à mesma, como um desconhecido que pode ser investido de algum valor, quando seu uso pode ajudar a determiná-lo. Retomando a característica da consciência como responsável por perceber qualidades psíquicas, Bion (1962b) volta-se à função da atenção, que vasculha as impressões sensoriais em busca de antecipar estímulos, destacando ser ela um dos fatores da função alfa, assim como a notação, cisão, Identificação Projetiva, transição entre posições esquizoparanóide e depressiva, formação de símbolos e desenvolvimento verbal.

Freud (1900), em ‘A Interpretação dos Sonhos’, demonstra os fenômenos de resistência e repressão. No primeiro, um conteúdo mental que cause emoções de insuportabilidade pode se manter inacessível à consciência, como o sentimento de ódio em relação a uma pessoa amada, por exemplo. A emoção insuportável pode ser deslocada por processos de somatização, conversão ou dissociação, de forma a manter-se imperceptível. Na repressão, o conteúdo tem acesso à consciência, porém pode retornar ao inconsciente, como num esquecimento. Embora o conceito de inconsciente seja questionado por muitas correntes, tais fenômenos dissociativos são amplamente observados e documentados na prática médica psiquiátrica, não sendo possível negar sua existência (DALGALARRONDO, 2007).

Frente à constatação de conteúdos inconscientes e dos processos operantes nesse nível funcional da mente, Freud (1900) observa, então, que o papel da consciência é análogo ao das vias sensoriais, voltado à percepção das qualidades psíquicas. Isto representa uma postura de que não somente a sensopercepção sofre distorções em relação à realidade concreta (para mais detalhes, vide referência em psicopatologia, citada no autor anterior), mas também a introspecção, atribuída à consciência, sofre distorções em relação aos fenômenos mentais em-

si. É esta a característica da consciência apontada por Bion acima, embasando a indistinção assumida na compreensão da sensorialidade e da afetividade.

Bion (1962b) afirma que a função alfa vem a operar sobre tudo aquilo que se tem consciência², impressões sensoriais e emoções, e, quando bem sucedida, produz elementos alfa, matéria prima para os pensamentos oníricos. Caso falha, a impressão sensorial se mantém inalterada naquilo que Bion chama elemento beta, sentido pelo sujeito não como fenômeno mas como se fosse uma ‘coisa-em-si’, sem possibilidade de dúvida. Apesar de indisponíveis para serem pensados, tais elementos podem ser atuados e evacuados, por meio de IP - Identificação Projetiva³, cabendo apenas numa forma de discurso em que o verbo indifere de coisa, não sendo possível atividade pensante.

Para que haja aprendizado sobre a experiência emocional, há que se operar a função alfa sobre a consciência (*‘awareness’*) da mesma. Elementos alfa são produzidos a partir das impressões resultantes desta, que, então, são armazenados e tornam-se disponíveis para os pensamentos oníricos. Não apenas o pensar consciente torna-se possível, mas também a translação de tarefas aprendidas para a execução que não consome consciência, como o menino que aprende a andar e não precisa mais ‘pensar’ para executar os passos dessa tarefa.

Os elementos beta, todavia, não podendo ser pensados, tampouco podem ser reprimidos, suprimidos, aprendidos ou sequer tornar-se inconscientes. Ao mesmo tempo em que impedem o distanciamento da impressão sensorial, dificultam a aproximação com a realidade, por não permitir processos que retifiquem suas distorções. Os ataques direcionados à função alfa, seja por ódio ou inveja, impedem um contato consciente consigo mesmo ou com outros objetos vivos (*‘live objects’*); nesses casos, o paciente tende a falar de pessoas como quem fala de objetos inanimados, num fenômeno contrastante ao animismo.

Tão importantes para a obra de Bion quanto ‘Formulações sobre dois Princípios do Funcionamento Psíquico’, de Freud, é a teoria de Melanie Klein sobre as posições esquizoparanóide e depressiva (SANDLER, 2005, 2006). Para uma leitura sobre Klein, é necessária alguma compreensão sobre o conceito de fantasia inconsciente, trazido pela autora e por seus colaboradores. Tal fantasia é um processo que ocorre desde o nascimento, de conteúdo imaginativo em relação às representações de objetos - vivos ou inanimados - com os

² “[...] of which the patient is aware” (BION, 1962b, p. 6).

³ O conceito de IP será abordado adiante.

quais o sujeito já teve contato, porém tendo este conteúdo característica inconsciente. A emoção correspondente à fantasia - como medo, ansiedade, culpa, etc - pode ser consciente, e o conteúdo pode ser descoberto mediante reflexão introspectiva ou análise (OLIVEIRA, 2007).

Klein (1946) investiga dois conjuntos de fenômenos - compostos por defesas, ansiedades, representações - que ocorrem na vida adulta, mas que se originam logo no desenvolvimento da infância. No período neonatal, em que o sujeito tem pouco domínio sobre seu corpo e realidade externa, tem início a posição esquizoparanóide, dominada por ansiedade persecutória e fantasias de aniquilação e retaliação, reverberadas pelas experiências dolorosas. Aos poucos se inserem as realizações de gratificação e as representações objetais tidas como prazerosas, ou 'boas', todavia ainda cindidas das 'más', e as dinâmicas de introjeção e projeção iniciam as representações objetais, continuamente em relação com os objetos externos.

O que ocorre, nesta posição, é uma dificuldade em discernir as qualidades totais dos objetos; no bebê, a integração dos sentidos ainda está acontecendo, e a capacidade de abstração para perceber a ausência de um objeto cuja necessidade é sentida ainda não foi desenvolvida. O predomínio do princípio de prazer, nesse caso, propulsiona a distinção entre o que é 'bom' e 'mau', o que, por sua vez, leva a duas representações distintas de um mesmo objeto, um 'bom', que satisfaz as urgências do sujeito, e um 'mau', que o frustra - seja por estar ausente ou por não poder cumprir as expectativas projetadas.

O crescimento da capacidade de integração egóica e o desenvolvimento biológico levam, gradativamente, a diferenciações na posição esquizoparanóide para sua outra forma, depressiva, em que surge poder de sintetização, ao preço de uma nova ansiedade, que teme que seus impulsos destrutivos possam danificar o objeto total amado. Tais dinâmicas posicionais expandem-se também para outras relações objetais, como com o pai e irmãos. Klein (1946) enfatiza que o desenvolvimento normal depende de flutuações entre ambas as posições, não sendo possível traçar uma fronteira nítida. Considerando a gradualidade de sua transição, seus elementos se entremisturam e interatuam em certa medida. Mesmo depois de atingida a posição depressiva, ambas as posições seguem flutuantes ao longo da vida, em movimentos sucessivos de cisão e integração dos elementos componentes das representações objetais.

Bion (1962b) revisa o fenômeno de cisão, compreendendo que ele não apenas atua sobre representações objetais, mas também sobre a representação do próprio aparelho mental e a percepção de satisfação material e psíquica. Estabelece uma diferenciação qualitativa, ainda,

entre a cisão que visa se defender da ansiedade depressiva, e a que é perfundida por destrutividade, induzida por inveja e ódio, que impede as experiências de fruição.

Esse conjunto de cisão destrutiva e inveja atacam também a representação da parte da personalidade que contém a função alfa. Ao tomar suas impressões não como representações mas coisas-em-si, mediante prejuízo da função alfa, o paciente não apenas tem dificuldade de lidar com outras pessoas como objetos vivos, mas também consigo próprio, povoando seu mundo representacional com objetos bizarros e inanimados. Nesse ataque à função alfa, os elementos beta são impedidos de se transformar, e os elementos alfa prévios são fragmentados e amalgamados a restos representativos da personalidade, formando uma órbita de objetos bizarros. Neste funcionamento psicótico de personalidade, encontra-se comprometida a flutuação posicional, estagnando-se o sujeito em dinâmicas de cisão.

Bion (1962b) observa que um sujeito que tem a função alfa preservada e vive uma experiência emocional é capaz de convertê-la em elementos alfa, e, então, permanecer inconsciente quanto a esta ou torná-la consciente - o que não ocorre num paciente psicótico. Neste último caso, a pessoa não consegue diferenciar sonho de vigília, ou mesmo permanecer atenta a uma conversa enquanto reprime outros estímulos que possam ser ruídos. Os fenômenos de censura e resistência, que mantêm um conteúdo como inconsciente, dependem, portanto, da operação da função alfa. Opta por chamar essa fronteira entre consciente e inconsciente de barreira de contato.

O autor conclui que tal barreira seja formada pelos elementos alfa em sua articulação, estando em contínuo processo de formação. Sua natureza dependerá da natureza do suprimento de elementos alfa, e da maneira com que estes se relacionem entre si. Eles podem coerir ou aglomerar-se, e ordenar-se sequencialmente na aparência de uma narrativa, logicamente, ou até geometricamente. Desta natureza depende o intercâmbio de elementos conscientes e inconscientes, e vice-versa, e, portanto, também a formação de memória.

Afirma que a teoria das funções e da função alfa, em particular, permite maiores contribuições para a compreensão do processo do pensamento. Retoma os princípios de Freud, salientando o papel implícito, em uma certa medida, de algum grau de intolerância à frustração em produzir tensão, e no seu alívio, pelo emprego do pensamento, para preencher o intervalo entre a necessidade de descarregar a psique do acréscimo de estímulos, e o real descarregamento. O elo entre intolerância à frustração e o desenvolvimento do pensamento é

central para sua compreensão; se a primeira for excessiva, o pensar pode ser obliterado e a escolha pela evasão da frustração é tomada.

4. A Identificação Projetiva

Bion (1962b) aponta que a atividade conhecida como pensar tem origem em um procedimento para descarregar a psique de acréscimos de estímulos, sendo mecanismo disso o descrito por Melanie Klein como IP - Identificação Projetiva. O esboço geral dessa teoria é que existe uma fantasia onipotente de que é possível separar temporariamente partes indesejáveis da personalidade, apesar de, algumas vezes, valiosas, e colocá-las num objeto⁴. Na prática é possível e desejado, para benefício terapêutico, observar e interpretar as evidências que a suportam e as quais são por ela explicadas de uma forma que nenhuma outra teoria o faz.

São observáveis evidências que mostram que um sujeito - no qual a operação dessa fantasia onipotente pode ser deduzida - é capaz de um comportamento ancorado à contraparte dessa fantasia na realidade. A pessoa expressa suficiente contato com a realidade para permiti-la agir de um modo que engendre certos sentimentos na outra pessoa, de acordo com o desejo da primeira em se ver livre destes ou de causá-los à segunda. O autor propõe uma emenda à teoria freudiana do princípio do prazer, de modo que o princípio da realidade possa operar coexistencialmente àquele. Em casos de pacientes psicóticos, essa fantasia pode se manifestar de forma mais concreta, levando, por exemplo, a tentativas de agressão a outros como forma de se ver livre de características indesejadas de si.

Há instâncias menos dramáticas, exigindo, portanto, maior perspicácia do observador para discerni-las. O psicanalista deve observar e interpretar a operação de tais fantasias como um fenômeno mental dedutível da evidência, e também observar sinais de que o paciente está suficientemente ajustado à realidade, para ser capaz de manipular seu ambiente de forma que a IP aparente ter substância na realidade.

A capacidade de um sujeito de engrenar a fantasia onipotente de uma IP à realidade é diretamente relacionada à sua capacidade de tolerar frustrações. Caso não consiga tolerá-las, a fantasia torna-se menos factual na realidade externa. Isso contribui ao estado descrito por Klein

⁴ O termo objeto refere-se à representação mental de coisas (vivas ou inanimadas) que existem na realidade, ou cuja expectativa de existência é sentida pelo sujeito. O sujeito pode saber diferenciar sua representação da coisa-em-si, por meio do pensar, ou confundi-las, de acordo com a operatividade da função alfa.

como IP excessiva, em que a outra pessoa sente-se forçada a senti-la devido aos passos realísticos tomados pelo sujeito, com objetivo de fazer a primeira experienciar emoções de um tipo indesejado pela segunda. Quando não é excessiva, porém, a IP assume função de comunicação de conteúdos não-verbais, por vezes inconscientemente, de forma que seu interlocutor possa sentir a emoção que o sujeito, por meio dela, comunica. A IP não pode existir sem a atividade recíproca de introjeção, com finalidade de acumular representações objetais percebidas como boas ou positivas.

Bion (1962b) faz uma suposição, de que o seio⁵ supre a criança de leite e sensações de segurança, bem estar e amor, e de que a criança tenha uma necessidade de tais suprimentos. O primeiro é uma substância material, presumidamente lidada pelo aparelho digestivo; as demais são subjetivas, porém necessárias para a saúde mental da criança. Estas últimas são estados mentais, que podem parecer familiares, mas dependem de inferência a partir do que é observado e imputado à criança. Faz-se necessário, então, a observação do que ocorre em sua relação com a mãe.

O leite é lidado pelo trato alimentar e provido pelo sistema glandular materno, embora sua oferta possa frequentemente falhar, e a falha pode ser atribuída a perturbações emocionais. A criança também pode sofrer distúrbios digestivos causados por perturbações emocionais. Pode-se supor então a existência de equivalência psicossomática ao seio e ao canal alimentar, para tratar de sensações subjetivas. A criança necessita, portanto, do seio para supri-la não somente de leite, mas também de objetos ‘bons’⁶; mesmo que ela ainda não seja capaz de perceber tal necessidade conscientemente, ela pode ter consciência (‘*awareness*’) da sensação de insatisfação dessa necessidade. Para isso, é necessária a existência de algum aparelho com a qual a sensação de frustração possa ser experienciada, que pode ser preenchida pelo conceito freudiano de consciência como funcionalidade para perceber qualidades psíquicas.

Assim como um analista pode tornar-se consciente de algo que ainda é inconsciente para o paciente, uma mãe pode discernir o estado de mente de sua criança antes que esta possa se tornar consciente do mesmo. A mãe pode interpretar o choro de uma criança como fome,

⁵ O seio é a representação objetual da mãe feita pela criança em um momento em que esta ainda não consegue apreendê-la como objeto total, sendo a representação parcial daquilo que lhe oferece condições de existência, como alimentação e cuidados (KLEIN, 1946).

⁶ Vide conceitos de cisão e posição esquizoparanóide, abordados anteriormente.

dor, ou indigestão, por exemplo, capacidade essa chamada, na psicanálise, como rêverie. A criança, por sua vez, não distingue tais estados, tendo apenas o sentimento de uma frustração como um objeto ‘mau’ - um ‘seio mau’ - que precisa ser evacuado.

Supondo que essas necessidades são, em algum momento, satisfeitas: com o tempo, a criança pode aprender a diferenciar o desejo de satisfação como uma ideia de algo ausente, e não como um objeto ‘mau’ presente. A frustração é, portanto, mais propícia a tornar-se uma ideia, vez que tende a se relacionar com o objeto que está ausente. Pode instanciar a representação sedimentada no sujeito sobre algo que não está na sua sensorialidade imediata, diferentemente da satisfação, que implica um objeto presente. Uma questão, contudo, deve ser atendida: se a barreira de contato é formada por elementos alfa, e ela é necessária para ambos o pensar consciente e a diferenciação de conteúdo inconsciente, e, portanto, também para a própria função alfa, então como a criança apreende a capacidade de ‘digerir’ suas sensorialidades - elementos beta - por ela própria? Como se dá a função alfa?

Durante o estado de rêverie, a mãe se coloca disponível para receber as identificações projetivas do bebê, podendo, assim, intuir suas necessidades. Ao fazê-lo, e oferecer meios de satisfação, ela comunica ao bebê um conteúdo mais ‘digesto’, sentido como seguro e que não excede os limites de tolerabilidade à frustração do infante. Nessa atividade, a criança tem oportunidade não somente de introjetar o conteúdo de suas satisfações, mas também a própria função alfa da mãe, até que aprenda a operar a sua própria. A tolerabilidade a frustrações é expandida, na criança, e na medida em que ausências ou falhas mais toleráveis vão se apresentando, sua capacidade de tolerar o pensamento e o pensar pode ser testada. Desta forma, a IP pode ser compreendida não apenas como precursora do pensar, mas também como uma forma primitiva deste.

5. Teoria Projetiva da Consciência

Pereira Jr (2018) propõe a teoria projetiva da consciência. Adota a concepção filosófica de estrutura de consciência de Husserl, consistindo em um pólo subjetivo, portador de experiências, e um objetivo, composto de seus conteúdos experienciados. Resgata o ‘*point of view*’ de Nagel para ancoragem de experiências qualitativas, e a projeção de conteúdo fenomênico de Velmans, para o espaço externo que os constroem. Propõe a noção de projeção como princípio pontificador entre os sistemas neurobiológicos (saber, sentir e agir) e a estrutura bipolar. Considera o processo projetivo como gerador dos sentidos de self e de mundo, compondo

um campo informacional fenomênico gerado pelo sistema nervoso e experienciado em perspectiva de primeira pessoa.

O autor atribui importância para a fundamentação epistemológica do estudo da consciência aos ângulos neurobiológico, filogenético e psicológico, tomando as características psicológicas da atividade consciente de cognição, afeto e enação. Aponta que, na filosofia contemporânea, refere-se à realidade apresentada da experiência vivida como mundo da vida, e que se dirigem a esta as categorias existenciais, a experiência pré-reflexiva e as formas de vida. O cartesianismo de substância é substituído por conceitos experienciais, e as abordagens não-reducionistas encaram o desafio de relacionar o biológico e físico com a experiência fenomênica em primeira pessoa.

Dois características centrais da experiência consciente são o *'point of view'* subjetivo, que porta experiências qualitativas - *'what is to be like'* - e a localização de objetos percebidos e processos externos ao cérebro, ou projeção perceptiva. São aspectos comuns nas experiências conscientes vividas, porém difíceis de se explicar neurocientificamente. Adotando a concepção da estrutura da consciência como dois pólos, subjetivo, capaz de experienciar, e objetivo, composto por conteúdos experienciados, o autor usa o conceito de projeção de Velmans como ponte entre neurociência e psicologia/filosofia.

Dois abordagens ajudam a se dirigir às características da experiência fenomênica. A distinção entre conhecimentos em primeira ou terceira pessoa, de Nagel (2002), - “Todo fenômeno subjetivo é essencialmente conectado a um ponto de vista singular” (tradução nossa) - ponto de vista este derivado de experiências naturais e seus mecanismos de suporte. Experiências conscientes se referem ao ponto de vista de uma perspectiva em primeira pessoa, enquanto que fenômenos objetivos são mais adequados à de terceira pessoa.

Nagel (2002) afirma não se comprometer com a visão de uma natureza intrínseca completamente objetiva das coisas, defendendo ser mais acurado pensar na objetividade como uma direção tomada pela própria compreensão. Pereira Jr (2018) enxerga nessa direcionalidade em terceira pessoa algum tipo de processo projetivo, e alega que a perspectiva científica em terceira pessoa é um tipo especial de acordo intersubjetivo baseado em restrições metodológicas e testagem empírica de hipóteses, conduzindo à *'view from nowhere'* de Nagel. Conhecimento derivado de experiências em primeira pessoa proporciona um *'view from within'*.

Velmans (2012) toma a coisa-em-si kantiana não como absolutamente incognoscível. Considera que, se o conhecimento humano é manifestação de um processo reflexivo em que

um universo vem a conhecer a si mesmo, não há separação, em última instância, entre conhecedor e conhecido, e o conhecimento pode ser visto como autoconhecimento. Concorde com Kant em que o conhecimento humano é constricto pelos modos com que os sistemas perceptivo e cognitivo operam, e portanto não pode prover conhecimento independente do observador. Consequentemente, pode não ser possível à mente humana conhecer plenamente a natureza de seu próprio ser; isto, porém, não impede conhecimentos parciais e espécie-específicos, convencionais à ciência.

A segunda abordagem é a discussão de Velmans sobre projeção, emergente no questionamento sobre como é possível relacionar o espaço fenomênico de experiências subjetivas ao espaço físico objetivamente descrito pela ciência, algo que ocorre, por exemplo, na comparação de avaliações subjetivas de propriedades espaciais - ex. distância, extensão - com mensurações objetivas. O mapeamento neuronal de aferências de sensoimpressões ocorre em regiões corticais; a percepção dessas imagens sensoriais, contudo, é localizada pela consciência no espaço externo que deu origem ao estímulo, e não no cérebro. Embora o processamento de informações de estímulos externos ocorra no sistema nervoso central, formando representações das propriedades do estímulo, a experiência perceptiva é projetada na localização do estímulo. A projeção de representações no espaço físico experiencial aponta a experiência consciente como forma de reflexão da realidade (PEREIRA JR, 2018).

Uma explicação da projeção perceptiva pode ser elaborada em termos informacionais, na qual a mente pode ser pensada como um sistema de processamento de informações, tendo estrutura compartilhada entre espaços fenomênico e neurofisiológico. Velmans (2012) formula que tal estrutura seja idêntica, embora expressa em diferentes formas, de tal modo que a natureza da mente seja simultaneamente física e experiencial, o que opta por chamar de psicofísica.

Pereira Jr (2018) aponta que essa estrutura bipolar, composta pelos campos subjetivo e objetivo, pode ser concebida como um campo informacional fenomênico, que, por sua vez, é resultado da atividade projetiva experienciada na perspectiva de primeira pessoa. Dessa forma, concebe o conceito de Nagel de 'point of view' como uma operação projetiva, que pode se direcionar em sentido 'interoceptivo' ou 'exteroceptivo', abrangendo não só o senso de mundo, mas também o de self.

O senso de self apresenta uma dinâmica atrativa em relação aos sistemas sensorial, emocional e afetivo do sujeito ('*living body*'), gerando a sensação de uma história do indivíduo,

projetada como identidade invariante no tempo. O senso de mundo se dá na projeção de representações sobre o sistema nervoso e suas extensões, cujos feedbacks cíclicos com estruturas corporais extracerebrais levam a uma percepção de objeto intencional, e não de coisa-em-si. Na experiência consciente, o ponto de vista subjetivo e os objetos do mundo externo podem ser interpretados como duas direções de compreensão, em sentido interior e exterior, respectivamente, o que não configura uma diferença de substâncias, mas sim um constructo da experiência viva de um organismo.

O autor propõe o conceito de ECD - Domínio Consciente Estendido - como uma experiência vivida ou uma apresentação, que ocorre tendo o ponto de vista subjetivo em seu centro, e o mundo de objetos externos ao sujeito como seu horizonte. Neste domínio, o senso de self é projetado para além do pólo subjetivo da mente, em sentido ‘interoceptivo’, enquanto que o senso de mundo é projetado para além de seu pólo objetivo, em sentido ‘exteroceptivo’. Comenta o primeiro como um ponto de vista de experiências subjetivas de sentido⁷, e o segundo, de representações de objetos e processos apresentados no mundo externo.

Pereira Jr (2018) justifica a proposta do ECD, considerando que processos mentais podem ser inconscientes, mesmo que seu produto seja acessível à consciência. Velmans (2012, p.12, tradução nossa) aponta: “Para além do que nós podemos normalmente ver, há uma estrutura imensamente detalhada dentro da natureza das coisas, bem como uma estrutura que se expande para além de nossos horizontes perceptivos”. Tomando o humano como parte do universo, delinea um processo reflexivo na medida em que esta experiência a si mesmo.

6. Relações e Expansões

A revisão trazida das duas teorias apresentadas, psicanalítica e filosófica, demonstra como, em ambas, há aspecto de centralidade nos fenômenos de projeção em relação à consciência. Antes de se explorarem os conteúdos convergentes, é importante traçar as bases epistemológicas de ambas.

Para Laplanche & Pontalis (2000), a psicanálise é uma disciplina definida em três níveis: (1) procedimento de investigação e interpretação do significado do discurso em associação livre de um sujeito, (2) método de psicoterapia baseado em tal investigação e interpretação dos fenômenos que ocorrem em sessão, e (3) conjunto de teorias psicológicas derivado dos

⁷ Pereira Jr (2018) agrupa em ‘feelings’ não apenas experiências afetivas, mas também os *quale* sensoriais.

primeiros. Freud (1922) afirma que a psicanálise difere de outros sistemas teóricos por sua característica empírica: não se pretende partir de uma base teórica para explicar definitivamente todo o universo, mas sim, estudar os fenômenos observados em seu campo prático, e colocar suas teorizações sob escrutínio da experiência. Neste sentido, seus resultados são sempre provisórios, na concepção da construção do conhecimento como processo de vir-a-ser.

Bion (1962a, 1962b) incorpora e aprofunda o rigor metodológico de Freud, assumindo a psicanálise como prática, a partir da qual se constroem teorias. Se o objeto de uma investigação é a mente humana, e considerado o funcionamento desse objeto como responsável pelos fenômenos de percepção, introspecção, memória e razão, é importante um cuidado elevado com o rigor metodológico, pois tal investigação é simultaneamente ontológica e metodológica: conforme aponta Stetup (2005), são essas as principais fontes do conhecimento. Ainda que deva passar pelo escrutínio da justificação, direcionando-se a uma ‘objetividade’, como apontado por Nagel (2002), deve haver coerência entre a epistemologia tomada e a estrutura de mente hipotetizada. É uma consequência contida também na observação de Velmans (2012) sobre a consciência como processo reflexivo de autoconhecimento: a estrutura do que se conhece é afetada pelo funcionamento de seus próprios processos de conhecer.

Freud (1900, 1915) depara-se com a existência de conteúdos mentais inconscientes ao investigar fenômenos dissociativos, hipotetizando mecanismos como a repressão e o deslocamento. Bion (1962b) encontra, em seu trabalho clínico, representações que o humano cria sobre seus próprios fenômenos introspectivos e seu próprio aparelho para pensar. Ambos autores, e todo médico que trabalhe com psiquiatria, lidam constantemente com as mais diversas alterações da sensopercepção, algumas patológicas, como alucinações psicóticas e pseudoalucinações, e outras que ocorrem mesmo na pessoa completamente sã, como ilusões, alucinações hipnagógicas e hipnopômicas (DALGALARRONDO, 2007). Dessa breve consideração, podemos ver que ambas percepção e introspecção são distorcidas em relação à realidade à qual correspondem. Conforme apontado por Velmans (2012), há alguma confluência dessa conclusão com a epistemologia kantiana, como ele mesmo concorda, de que o conhecimento humano sofre constrição pela forma de operação de seus sistemas mentais, mesmo discordando de incognoscibilidade absoluta.

Apesar de tal distorção, Freud (1922) e Bion (1962b) não desistem da busca pelo conhecimento; ao contrário disso, insistem na prática e na testagem empírica para edificar um conhecimento em constante construção, não como absoluto em relação a realidade, mas como

um vir-a-ser da relação com esta. A busca por um conhecimento tal, é, inclusive, fruto de uma dinâmica madura do princípio da realidade (FREUD, 1911). Há alguma concordância com o que Velmans (2012) aponta: apesar de não ser possível um conhecimento pleno da natureza de seu próprio ser, o humano pode investigar conhecimentos parciais e espécie-específicos, o que já é comum à ciência.

Nagel (2002) compartilha posicionamento muito semelhante, ao se distanciar da visão da natureza intrínseca da realidade como algo que possa ser imediatamente apreendido, e postular o movimento de objetividade como uma direção abstrativa tomada pela compreensão. Bion (1962b), mais adiante em sua obra, admite que a construção de generalizações mais abstratas, como sistemas dedutivos e algébricos, apesar de se distanciar da experiência emocional em-si, confere possibilidade de se aproximar da realidade para além do que meras sensorialidades nos permitem.

O ponto de vista em primeira pessoa, formulado por Nagel (2002) dialoga com o conceito de experiência emocional em Bion (1962a, 1962b). Em ambos se expressam as emoções e os quales, autóctones ao sujeito que os experiencia, o que entra em acordo com o conceito de *'feelings'* em Pereira Jr (2018). Bion (1962b), em relação ao processo de *'compreensão'*, afirma igualmente não diferenciar os componentes sensoriais e afetivos da experiência.

Ambas as teorias, a projetiva da consciência e a do pensar, admitem importância fundamental dos processos projetivos. A primeira, todavia, tende a se limitar à projeção dos objetos apreendidos pela sensorialidade imediata apresentada ao sujeito. Nas teorias psicanalíticas supracitadas, o processo de projeção é mais extenso, sendo envolvido por demais representações concebidas em relação ao objeto, bem como expectativas subjetivas em relação ao mesmo. A dinâmica entre projeção e introjeção é necessária para consolidação do princípio da realidade e para melhor apreensão desta.

Em Bion (1962a, 1962b), o fenômeno da Identificação Projetiva é fundamental também como forma de comunicação e como forma precursora e primitiva do processo do pensar. Conforme o autor explica, não somente a consciência se projeta sobre objetos, mas também o sujeito adota comportamentos que impõem ao interlocutor as emoções projetadas. O interlocutor, por sua vez, pode transformar tais projeções em novos conteúdos passíveis de serem comunicados. Nesse sentido, comunicar e pensar são atividades intrínsecas entre si

A observação de Pereira Jr (2018) e Velmans (2012) de que processos mentais possam ser inconscientes, ainda que tenham algum produto consciente, vai de acordo com o conceito de fantasia inconsciente de Klein e com a observação sobre uma necessidade inconsciente mas cuja insatisfação é percebida, em Bion (1961b). Apesar de o ECD priorizar projeções sobre aquilo que é imediatamente apresentado à consciência, os aspectos projetivos em duplo sentido, em relação a objetos externos e ao próprio self, aproximam-se muito da compreensão que Bion (1962b) faz sobre a existência de representações de objetos e também das próprias partes do aparelho de pensar.

7. Considerações Finais

Observamos, na discussão deste trabalho, grande proximidade entre a teoria sobre o pensar de Bion e a teoria projetiva da consciência em Pereira Jr. O conceito de ECD, como modelo de compreensão da relação do sujeito consciente com seus meios externo e interno, mostra-se como ferramenta que pode ser útil em investigações futuras sobre a mente humana na psicanálise. O estudo do fenômeno da Identificação Projetiva, por sua vez, permite expandir o conceito de projeção não apenas como espaço fenomênico percebido subjetivamente, mas também como orientadora de posturas e comportamentos que causam impacto no espaço concreto e em seus interlocutores. Conforme salientado, numa investigação sobre a mente, é delicada a assunção de suas bases epistemológicas, pois deve haver coerência destas com a primeira. Não só o papel dos fenômenos projetivos se mostra concordante, nesse sentido, como também os apontamentos epistemológicos gerais encontrados em Bion (1962b), Freud (1900, 1911, 1915, 1922), Nagel (2002), Velmans (2012) e Pereira Jr (2018).

Referências

- BION, W. R. (1962a). A Theory of Thinking. In _____. *Second Thoughts*. London: Karnac, 2007. cap. 9, pp. 110 - 119.
- BION, W. R. (1962b). *Learning from Experience*. London: Karnac, 2007.
- DALGALARRONDO, P. *Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DETRREGIACHI, E. *A Grade de Bion: Caracterização e Expansões*. Ribeirão Preto: Instituto de Estudos Psicanalíticos de Ribeirão Preto, 2018.
- FREUD, S. (1900). A Interpretação dos Sonhos. In: _____. *Obras completas (VVol. 4 e 5)*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- FREUD, S. (1911). Formulações sobre dois Princípios do Funcionamento Psíquico. In: _____. *Obras completas (vol. 10, pp. 81-91)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

- FREUD, S. (1915). O Inconsciente. In: _____. Obras completas (vol. 12, pp. 99-150). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, S. (1922). Dois Verbetes de Enciclopédia . In: _____. Obras Completas (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- KLEIN, M. (1946) Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: Klein, M.; Heimann, P.; Isaacs, S.; Riviere, J. Os Progressos da Psicanálise. Guanabara Koogan: Rio de Janeiro, 1982.
- KLEIN, M. (1957) Inveja e gratidão. In: _____. Inveja e gratidão e outros trabalhos. Imago: Rio de Janeiro, 1991.
- LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- NAGEL, Thomas. (2002). What is it like to be a bat? In CHALMERS, D. J. (Ed.) *Philosophy of mind*. Classical and contemporary readings. Oxford: Oxford University Press, p. 219-226.
- OLIVEIRA, M. P. Melanie Klein e as fantasias inconscientes. Winnicott e-prints, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 1-19, 2007.
- PEREIRA JR. A. The Projective Theory of Consciousness. *Trans/Form/Ação*, v. 41, p.199-232, 2018.
- SANDLER, P. C. Grid. In: _____. *The Language of Bion: A Dictionary of Concepts*. London: Karnac, 2005.
- SANDLER, P. C. The Origins of Bion's Work. *International Journal of Psychoanalysis*. v. 87(1), pp 179 - 201, 2006.
- STETUP, M. (2005). Epistemology. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 2018 Edition). Edward N. Zalta (ed.). URL: <https://plato.stanford.edu/archives/win2018/entries/epistemology>.
- VELMANS, M. Reflexive monism: psychophysical relations among mind, matter and consciousness. *Journal of Consciousness Studies*, v. 19, n. 9-10, p. 143-165, 2012.
- ZIMMERMAN, D.E. *Bion: da teoria à prática*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

THE PROJECTIVE THEORY OF CONSCIOUSNESS AND THE THINKING IN BION: SOME RELATIONS AND EXPANSIONS

Abstract

Bion's work marks psychoanalysis with an epistemological turn, from his investigation of thinking based on the set of processes observed in the functioning of the human mind, and analyzing this same process as the basis for formulating psychoanalytic theorization. In this investigation, he observes that projection phenomena, such as Projective Identification, are not only the basis of thinking, but also the primitive form of thinking and communication. The projective theory of consciousness, in its concept of extended domain, explores conscious phenomena in relation to the different points of view of reality, subjectively experienced, and the mental perception of objects in their concrete space. Starting from its invitation to relations and reflections with other areas of knowledge about consciousness, the present work proposes approaching both theories and exploring their bases.

Keywords: Projection, Consciousness, Thinking, Projective Identification, Psychoanalysis.